

MARA REGINA DO NASCIMENTO

MAURO DILLMANN

Organizadores

GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER



casalettras



GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER



MARA REGINA DO NASCIMENTO

MAURO DILLMANN

Organizadores

GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER

1ª edição



casaletras

Porto Alegre

2022

Copyright ©2022 dos organizadores

Direitos desta edição reservados aos organizadores, cedidos somente para a presente edição à EDITORA CASALETTRAS.



LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS

**Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0
Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**

Você é livre para:

Compartilhar - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais.

Não-derivadas - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

Esta obra contou com apoio do PPGH/UFPel com recursos PROAP/CAPES.

EXPEDIENTE:

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Casalettras

Imagens da capa e detalhes de verbetes:

"A morte de Alexandrina", de Carybé (1953) [Pinacoteca ©Carybé, óleo sobre tela]

Editor:

Marcelo França de Oliveira

Conselho Editorial

Prof. Dr. Amurabi Oliveira - UFSC
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes - UFPel
Prof. Dr. Elio Flores - UFPB
Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer - UEPG
Prof. Dr. Francisco das Neves Alves - FURG
Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas - UFPel
Prof.ª Dr.ª Maria Eunice Moreira - PUCRS
Prof. Dr. Moacyr Flores - IHGRGS
Prof. Dr. Luiz Henrique Torres - FURG

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G9405 Guia Didático e Histórico de verbetes sobre a morte e o morrer / Mara Regina do Nascimento e Mauro Dillmann (Org.). [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras, 2022.

429p.
Bibliografia.
ISBN: 978-65-86625-65-3

1. Ciências Humanas - 2. Morte - 3. Dicionários e enciclopédias - 4. Guia didático - I. Do Nascimento, Mara Regina - II. Dillmann, Mauro - III Título.

CDU:05-3069

CDD:903(008)


casalettras

EDITORA CASALETTRAS
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103
+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com
www.casalettras.com



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
ACEITAÇÃO.....	13
ADRO	19
ALÉM.....	23
ALMA - CORPO.....	33
ANJOS.....	40
ARS MORIENDI	46
CEMITÉRIO - NECRÓPOLE.....	56
CONFORTO	66
CONVIVÊNCIA ENTRE VIVOS E MORTOS	74
CREMAÇÃO	80
DIA DE FINADOS	86
ENTERRO - FUNERAL	91
ESCATOLOGIA.....	97
ETERNIDADE	101
EUTANÁSIA.....	107
FOTOGRAFIAS DE MORTOS	114
INTERCESSÃO DIVINA	120
FUNERÁRIAS	131
HOMICÍDIO	136
IRMANDADES E ORDENS RELIGIOSAS	141
IMORTALIDADE – FINITUDE	148
INFANTICÍDIO	154
LÁPIDES E EPITÁFIOS.....	160
LUGARES FÚNEBRES	168
LUTO	174

MEDICALIZAÇÃO DA MORTE.....	182
MEDO.....	188
MEMÓRIA.....	194
MILAGREIROS.....	199
MORIBUNDO.....	205
MORRER BUDISTA.....	210
MORRER CATÓLICO.....	215
MORRER ESPÍRITA.....	227
MORRER INDÍGENA.....	231
MORRER ISLÂMICO.....	239
MORRER JUDAICO.....	248
MORRER NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.....	253
MORRER PROTESTANTE.....	260
MORTALHA.....	267
MORTE E CRENÇAS.....	274
MORTE INFANTIL.....	282
MUSEUS SOBRE A MORTE.....	289
NECROLÓGIO.....	296
NECROPOLÍTICA.....	303
NEGAÇÃO.....	308
ÓBITO.....	315
PAGÃO.....	322
PENA DE MORTE.....	327
POMPAS FÚNEBRES.....	335
PURGATÓRIO.....	343
RESSURREIÇÃO.....	348
SACRAMENTOS.....	352
SALVAÇÃO.....	360
SAUDADE.....	367
SECULARIZAÇÃO.....	374
SEPULTURAS – COVAS – CARNEIRAS.....	381
TANATOLOGIA.....	385
TRAUMAS.....	391
TRISTEZA.....	396
TÚMULO – JAZIGO – MAUSOLÉU.....	402
VELÓRIO.....	409
VESTUÁRIO FÚNEBRE.....	415
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....	423



PURGATÓRIO

No período medieval, a Igreja esforçou-se para se afirmar enquanto mediadora no processo de salvação dos fiéis, encaminhando-os através de diversas práticas religiosas que combatessem o pecado. Simultaneamente, infundia medo em todos os que acreditavam, para que não caíssem na tentação e no Juiz Final fossem condenados ao castigo eterno. Para Jacques Le Goff, o Purgatório nasceu no século XII, mas a historiografia tem esgrimido argumentos, demonstrando falta de unanimidade relativamente a este assunto.

Sujeito a um processo, o conceito foi sendo construído ao longo do tempo e permanece entre os crentes até a atualidade, tendo estado sujeito a mutações e a diferentes olhares. Foi, porém, no Concílio de Lyon (1245) que se associou o Purgatório ao lugar de purificação das penas cometidas sem terem sido objeto de perdão. Eram penas consideradas menores que não tinham sido penitenciadas, pois as mais graves conduziriam ao Inferno, lugar de aprisionamento permanente das almas.

Durante a Idade Média, a Igreja preocupou-se em demonstrar os laços entre vivos e mortos, assim como a eficácia da missa, das orações e da caridade para aliviar as penas cometidas. Santo Agostinho discutiu a purificação temporária das almas através do fogo e, nesse sentido, o terceiro lugar aproximava-se do Paraíso, possibilitando que as almas resgatadas lhe acessem.

Os reformadores protestantes atacaram a existência do Purgatório, demonstrando a ineficácia das orações em favor das

almas, o que constituiu um enorme revés para a Igreja, que tinha alcançado muito poder com a celebração de missas e com as indulgências.

Após Trento, o Purgatório registrou uma presença massiva no mundo dos vivos, algo nunca antes registrado. A ação dos crentes desdobrou-se na multiplicação de esforços salvíficos para que as suas almas permanecessem nele o menor tempo possível, embora se desconhecesse em absoluto o tempo do Purgatório. Este tempo estava diretamente associado ao investimento dos vivos, pois quantas mais missas, preces e ações caritativas, mas rapidamente a alma em questão podia ser liberta, o que, como a historiografia tem afirmado remete para julgamentos individuais. Tudo dependia da ação dos vivos e da sua relação com os mortos, colocando as almas totalmente dependentes deles. O fato resultou num enorme poder da Igreja, que o vertia para os fiéis sob diferentes formatos, infundindo muito medo entre eles. Assim, a celebração de milhares de missas foi associada a uma literatura difusora da ideia, bem como a uma enorme profusão de imagens sobre as almas a arder no fogo do Purgatório. Mas a celebração de missas, muitas missas, exigia receitas permanentes, vindas de legados, mas também e essencialmente de peditórios, no caso das confrarias das Almas e de outras. Os peditórios feitos pelas confrarias das Almas tinham como objetivo o envolvimento de todos numa causa comum. Sacerdotes, altares, painéis das almas, paramentos e alfaia litúrgicas, hóstias, cera, vinho eram necessários para as missas. A estes associavam-se em algumas ocasiões a música, abrilhantando as cerimônias litúrgicas mais importantes, quando era também preciso chamar e pagar a confessores para aliviarem de pecados as almas dos vivos.

Essa presença constante da morte foi incentivada pela Igreja, difundida pelas Constituições Sinodais, praticada por todas as confrarias e particularmente pelas das Almas, mas igualmente pelos manuais de bem morrer. O mesmo se refira sobre a crença do poder de alguns santos para libertar almas do cárcere do Purgatório.

O movimento em favor da intercessão das almas padecentes no Purgatório encontrou nas confrarias desta invocação as

parceiras ideias para através dos peditórios, procissões, missas, sermões, responsos, ladainhas, festas dos Santos, dos Fiéis-Defuntos, “Aniversário das almas” e das indulgências colocaram as almas permanentemente na agenda dos vivos, alimentando a ideia do resgate do Purgatório. Foi a rede confraternal conjuntamente com o clero que colocou no terreno o culto das almas e o tornou muito popular durante a Idade Moderna.

Com grande centralidade na vida dos vivos, o que se expressava nas preocupações diárias, o Purgatório estava também presente na invocação das almas ao cair da noite, nos altares, nas caixas de esmolas, nos peditórios em diferentes alturas do ano, ritualizando a necessidade de pedir para salvar, mas igualmente nas festas fúnebres. Este enorme investimento conhecido na Idade Moderna contribuiu para o tempo de “apogeu” deste lugar intermediário.

Por envolver todos, o Purgatório entranhou-se na vida dos vivos de uma forma difícil de aguentar. No século XVIII tudo se alterou devido a vários fatores. A inflação sentida em setecentos fez disparar o preço das missas, ecoando exigências constantes dos sacerdotes para as instituições subirem o preço das missas. Com falta de verbas para pagar, as confrarias iam cedendo quando podiam, mas oscilavam entre a subida e a descida do preço, começando também a diminuir o volume de missas e a sua periodicidade. Nos legados, as missas ficavam por celebrar porque os capelães se negavam a dizê-las sem os aumentos pretendidos. As capelas eram largadas e as missas ficavam por celebrar. O setor encontrava-se em completo estrangulamento, ao mesmo tempo que os irmãos se mostravam cada vez mais renitentes em participar nos peditórios, como estes rendiam cada vez menos. Também o número de candidatos para ingressar nas confrarias era cada vez mais diminuto. Os tempos eram de mudança, pautados pelas ideias iluministas e a progressiva secularização, que levaram a uma menor crença no Purgatório e consequentemente a um menor investimento também em legados. Como referem as fontes, os irmãos esmoreciam na crença que os tinha galvanizado. O descalabro era evidente e denunciava ainda administrações danosas, conflitualidade interna e externa. Na

tentativa de amenizar o grave problema, buscou-se em Roma breves de redução e anulação de missas e mandaram-se celebrar a locais e instituições onde o preço era mais baixo, ou seja, um Purgatório mais barato. Mas tudo isto não resolvia o problema, antes contribuía para a descrença. Era o Purgatório a estremecer, mas não a seu fim!

(MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Cristina. *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.

BONETA, Joseph. *Gritos del Purgatorio, y médios para acallarlos*: livro primero y segundo... Sevilla: Çucas Martin de Hermosilla, 1700.

EIRE, Carlos M. N. *A very brief history of eternity*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 19.

PAIXÃO, Anne Elise Reis da. *No Cárcere Divino: purgatório, indulgências e missas pelas almas no Rio de Janeiro setecentista*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

RODRIGUES, Cláudia. "A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista". *Vária História*, vol. 24, n° 39, p. 255-272, 2008.

ATIVIDADE DIDÁTICA

Tendo em atenção a especificidade do conceito, propõe-se atividades destinadas a alunos de Ensino Médio.

Assim, sugere-se:

1. Pesquisar na internet imagens alusivas ao Purgatório;
2. Visitar um arquivo e pesquisar fundos documentais de confrarias onde existam livros de missas, de pagamento a capelães e testamentos;
3. Imagine-se a viver na Idade Moderna e elabore o seu testamento;
4. Visitar museus para observar paramentos e alfaias litúrgicas;
5. Visitar igrejas e capelas onde tenham existido confrarias das Almas e fotografar e filmar caixas de esmolas, retábulos alusivos às almas do Purgatório, assim como outro património existente;
6. Recolher música alusiva às almas do Purgatório;
7. Em articulação com o professor de Artes (linguagem música), formar um grupo para cantar músicas alusivas às Almas do Purgatório.





SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

Adriana Zierer é Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

Adriane Piovezan é Doutora em História (2014) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de História nas Faculdades Integradas Espírita em Curitiba.

Alexandra Esteves é Doutora em História Contemporânea pela Universidade do Minho. Professora Auxiliar com Agregação na mesma Universidade e investigadora do Lab2PT-UMinho.

Alexandre Marques Cabral é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professor de filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Andreia Vicente da Silva é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

Anna Julia Borges Serafim é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Antonio de Pádua Fernandes Bueno é Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Instituto de Pesquisa Direitos e Movimentos Sociais – IPDMS.

Beatriz Teixeira Weber é Doutora em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Claudia Rodrigues é Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Daniel Azevedo é Doutorando em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Médico geriatra.

Douglas Attila Marcelino é Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Eliane Cristina Deckmann Fleck é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Elisiana Trilha Castro é Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC).

Elizete Silva é Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Flavia Medeiros é Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Gizele Zanotto é Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Janaína Teles é Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de História da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (CAAF/Unifesp).

Jean Neves de Abreu é Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Joaquim dos Santos é Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Juliana Schmitt é Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Karina Aparecida de Lourdes Ferreira é Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Lourival Andrade Júnior é Doutor em História pela UFPR. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História dos Sertões na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Caicó.

Luiz Lima Vailati é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Mara Regina do Nascimento é Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Marcelina Almeida é Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora na Escola de Design nos cursos de graduação e do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Marcelo Tadvald é Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador Associado ao Núcleo de Estudos da Religião da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NER-UFRGS).

Maria Elizia Borges é Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Maria João Vaz é Professora Associada do Departamento de História do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL),

Maria Marta Lobo de Araújo é Doutora em História Moderna e Contemporânea pela Universidade do Minho-Portugal. Professora Associada com Agregação do Departamento de História da mesma universidade.

Mariana Antão de Carvalho Rosa é Mestre em História Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutoranda em História Social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA).

Maristela Carneiro é Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Faculdade de Comunicação e Artes na Universidade Federal de Mato Grosso (FCA/UFMTa).

Mauro Dillmann é Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Monja Myoden (Adriana Muniz Retamal) é Monja Zenbudista ordenada pela Escola Soto Zen Internacional, fundada oficialmente por Mestre Eihei Dogen Zenji Sama (1200-1253).

Rachel Aisengart Menezes é Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Médica e professora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Renato Cymbalista é Professor Livre Docente do Departamento da História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Renato Rodrigues Farofa é Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Robert Mori é Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

Thiago Henrique Mota é Doutor em História Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade de Lisboa. Professor de História da África no Departamento de História e no mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

William de Souza Martins é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Apoio: UFPel, UFU e Profhistória/UFU
Recursos: PPGH/UFPel e Capes



9 786586 625653

ISBN: 978-65-86625-65-3